



A cifra que se revela - alguns apontamentos biográficos e bibliográficos para tornar mais clara a importância da obra de Peirce para a moderna pesquisa em Comunicação

Vinícius Romanini **1**

Resumo: O artigo é uma introdução geral à obra e à vida do filósofo norte-americano Charles Sanders Peirce, enfatizando os últimos anos de sua vida e de sua produção intelectual. Foi nessa fase que Peirce desenvolveu sua semiótica vinculada a uma concepção metafísica em que processos inteligentes como a cognição, a representação e a comunicação são constituintes ontológicos de um universo evolutivo.

Palavras-chave: Peirce, Semiótica, Comunicação

Abstract: The article is a general introduction to the work and life of the American philosopher Charles Sanders Peirce, giving emphasis to the later years of his life and intellectual career - when he developed a theory of signs related to the metaphysical conception that intelligent processes such as cognition, representation and communication are ontologically constituents of an evolutive universe.

Key words: Peirce, Semiotic, Communication

1 Introdução

Idéias capazes de lançar luz sobre algum aspecto da realidade costumam ter força para se reproduzir independentemente da biografia de seus formuladores. No caso do filósofo norte-americano Charles Sanders Peirce, porém, algum conhecimento sobre sua vida pessoal, bem como sobre o percurso que sua obra teve desde sua morte até os dias de hoje, oferecem um contexto útil para impedir que enganos sobre suas teorias e seu papel na história da filosofia e da semiótica continuem a aparecer e a se disseminar, como acontece com certa frequência - principalmente nos círculos acadêmicos em que as contribuições de Peirce para as teorias da linguagem, da representação, da comunicação e da cognição somente agora começam ser apresentadas e debatidas de forma mais ampla.

Por razões que ficarão mais claras ao longo deste artigo, um leitor que se confronte diretamente com a obra de Peirce, sem uma contextualização histórica e biográfica, poderá desenvolver o preconceito de que ele emanava mensagens, cujo

1 Jornalista, doutorando em Ciências da Comunicação (ECA/USP - Indiana University), bolsista do CNPq. viniroma@yahoo.com

conteúdo só pode ser entendido por uns poucos iniciados em seu jargão filosófico. Peirce seria, como se chegou a afirmar e repetir, muito mais um "filósofo dos filósofos" (Hook apud Houser, 1998 xxxviii) do que um autor acessível aos graduandos ou pesquisadores em ciências aplicadas. No pior dos casos, um leitor que leia Peirce sem uma contextualização introdutória poderá crer que ele tinha uma mente confusa e doentia, como demonstraria o estilo fragmentário e rebuscado da maior parte de seus textos, para não dizer dos neologismos estranhos como, por exemplo, dicissigno (em vez de proposição), faneroscopia (em vez de fenomenologia) e tiquismo (a aceitação do acaso no mundo), abdução (nossa capacidade de adivinhar corretamente as leis da natureza) e tantos outros que marcam sua obra.

Infelizmente, os julgamentos da pior espécie costumam aflorar entre intelectuais que efetivamente dedicaram algum tempo ao estudo de Peirce mas que por incapacidade de penetrar nas camadas mais profundas de seu pensamento ou, quem sabe, temor de avançar por territórios ainda hoje bastante movediços, como a Metafísica e a Lógica, baseiam suas críticas em leituras superficiais ou de segunda mão. Esses críticos acabam enfatizando não o que Peirce realizou como cientista, lógico, matemático e semiótico, mas o aspecto de contínua reformulação de suas convicções e hipóteses de pesquisa ao longo de meio século de produção intelectual ininterrupta. De maneira que nos parece injusta, transformam o resultado de um genuíno comprometimento de Peirce com a pesquisa científica e filosófica em prova de que seu pensamento foi contraditório ou inconsistente.

Ora, um dos neologismos cruciais da filosofia de Peirce é o fabilibismo: a doutrina de que nenhuma crença pode jamais ser considerada absolutamente verdadeira. Ela deve ser colocada em cheque sempre que não oferecer uma resposta satisfatória quando confrontada com a realidade. Por outro lado, idéias e conceitos são símbolos que possuem uma tendência natural de evoluir - e com eles as pessoas que os incorporam. A mente humana - ou a de qualquer outro ser vivo - emerge como o resultado de um processo sintético em que os signos chamados interpretantes são determinados por objetos exteriores à mente graças à mediação do próprio signo. Note que o objeto do signo não é "algo em si" de natureza transcendental. É simplesmente um outro signo, produzido por alguma outra mente (ou quase-mente, como veremos mais à frente), mas que se apresenta ao intérprete em questão, num dado instante e lugar, como algo que demanda ser interpretado.

O interpretante é o efeito produzido pelo objeto graças à mediação do signo. É importante ressaltar que o intérprete não pode escolher não interpretar o objeto quando este se apresenta, pois isso já seria um efeito causado pelo objeto e, portanto, um interpretante. É somente nesse sentido que o objeto é um "outro" em relação ao signo e ao interpretante, embora cada um deles só possa existir correlativamente aos demais. Há, portanto, uma relação triádica irreduzível na semiose, em que cada correlato assume um papel específico. Essa impossibilidade de reduzir a tríade à relações entre conjuntos de pares obriga Peirce a adotar um fraseado retorcido quando oferece suas definições de signo **2**. Vejamos um exemplo:

The Sign creates something in the Mind of the Interpreter, which something, in that it has been so created by the sign, has been, in a mediate and relative way, also created by the Object of the Sign, although the Object is essentially other than the Sign. And this creature of the sign is called the Interpretant. (EP 2:493).

A semiose, como ação do signo, baseia-se nessa idéia de continuidade que conecta toda a realidade, incluindo nossas mentes, num processo teleológico que parte da incerteza e da indeterminação em direção ao crescimento da razão (ou da razoabilidade objetiva, se aceitarmos a tese peirceana de que existe inteligência na realidade). O sinequismo, como doutrina do contínuo, vincula-se estreitamente ao falibilismo, como Peirce esclarece abaixo:

2 As definições se tornam mais inteligíveis quando expostas na forma gráfica, sendo cada correlato do signo ocupando uma extremidade da forquilha. O grande poder da representação gráfica fez com que Peirce foi cada vez mais preferindo signos icônicos para expor suas teorias.

... let me call your attention to the natural affinity of this principle to the doctrine of fallibilism. The principle of continuity is the idea of fallibilism objectified. For fallibilism is the doctrine that our knowledge is never absolute but always swims, as it were, in a continuum of uncertainty and of indeterminacy. Now the doctrine of continuity is that all things so swim in continua. (Peirce, 1931-58: 171)

A vida intelectual de Peirce é um bom exemplo da aplicação dessa doutrina: todas as teorias que pesquisou e desenvolveu, desde sua juventude, passaram por algum grau de transformação. Em alguns pontos, Peirce mudou radicalmente de opinião. Ele foi, por exemplo, um declarado nominalista no início de sua carreira, mas tornou-se um grande crítico dessa filosofia em sua maturidade, quando abraçou a idéia de que as coisas gerais - tais como a mente, a inteligência, o propósito - possuem um modo de realidade ativa no mundo.

Embora Peirce assinalasse e discutisse abertamente as razões de suas mudanças de opinião em seus textos, alguns seus críticos mais levianos preferem ignorar esse caráter evolucionista para enfatizar contradições entre textos escritos em épocas diferentes. Como demonstrou com riqueza de exemplos o biógrafo Joseph Brent em *Charles Sanders Peirce: A Life*, os pequenos intelectuais de carreira sempre foram os maiores detratores de Peirce. Já na sua época, boa parte dos intelectuais empregados pelas melhores universidades e agências científicas dos Estados Unidos o acusavam de turvo, equivocado, louco e até mesmo charlatão. Com isso, não só bloquearam de forma irremediável o caminho da pesquisa de Peirce, impedindo-lhe acesso a posições acadêmicas e recursos que teriam facilitado muito seu trabalho, como também desestimulavam os jovens pensadores da época a tomar contato e, eventualmente, continuar as linhas de pesquisa abertas por ele.

2 Ilustre desconhecido

A morte abateu Charles Sanders Peirce em 1914, quando o mundo iniciava seu caminho atribulado rumo ao que chamamos de contemporaneidade. Peirce não viu o início da Primeira Guerra Mundial que já se afigurava, nem parece ter sabido dos primeiros trabalhos de Albert Einstein - que dariam origem à Teoria da Relatividade - ou os de Sigmund Freud, que perscrutavam os porões da psique humana. Ele não é, nesse sentido, um contemporâneo da nossa época, marcada pela mundialização das guerras e das epidemias, pelos excessos do culto ao individualismo e pelo triunfo da cultura de massa permitido pelas novas tecnologias da comunicação.

O ambiente cultural de Peirce era a puritana região de Boston, no nordeste dos Estados Unidos, de onde saiu a "nata" dos grandes políticos, cientistas, filósofos e inventores que produziram, durante os séculos XIX, a arrancada tecnológica que levaria aquele país à posição de nação mais rica e poderosa do planeta. O método científico, a evolução biológica e científica como processos similares de desenvolvimento, a lógica como instrumento de aferimento da verdade e o lugar da metafísica num universo cada vez mais dominado e explicado pela razão humana eram as grandes questões que ocupavam os livre-pensadores no final do século XIX.

A frequência com que os temas do "novecento" aparecem na obra de Peirce, unidas ao seu vocabulário cientificista e a um estilo parentético de escrever, cheio de desvios e considerações reflexivas **3** foram algumas das razões que levaram alguns a descartar "a priori" a validade do estudo da semiótica de Peirce. O impacto desse preconceito pode ser conferido em vários dos manuais e dicionários de semiótica publicados ao longo do século XX, que minimizam

3 Peirce explicava isso, em parte, pelo fato de ser um canhoto, o que lhe dava uma inclinação para pensar relações laterais entre as premissas, enquanto lhe dificultava escrever de forma linear e hierarquizada.

ou sequer citam Peirce como um precursor da teoria dos signos. De fato, em alguns círculos acadêmicos a semiótica peirceana foi muitas vezes relegada a um plano secundário em prol de vertentes europeias mais afinadas com o século XX tanto em vocabulário quanto em metodologia.

Repare, por exemplo, no que dizem Armand e Mechèle Mattelart em sua concisa *História das Teorias da Comunicação*, depois de ter reconhecido em Peirce o fundador do pragmatismo e da semiótica:

"(...) a obra de Peirce continua sendo de uma abstração terrível (...). Tudo é signo. O universo é um imenso representamen. Daí deriva, aliás, em Peirce, certa vagueza na de finição do conceito de signo, pois para defini-lo seria preciso poder distinguir o que é signo do que não o é. Daí também a dificuldade em delimitar o campo disciplinar da semiótica" (MATTELART, 1999: 33).

Aos olhos de muitos pensadores do século XX, o pecado original da semiótica de Peirce era pretender demais sem oferecer um método suficientemente claro e desenvolvido para dar conta dos fenômenos que interessavam os pensadores imersos nos desafios da contemporaneidade: o surgimento e desenvolvimento das línguas e das culturas humanas, os sistemas de significação não-linguísticos, as críticas literária e ideológica, o estudo dos meios de comunicação e das formas de expressão.

Já a semiologia de extração europeia, embora desenvolvida por Ferdinand Saussure no mesmo período em que Peirce dava os contornos gerais de sua semiótica, acabou sendo o paradigma adotado nos estudos dos processos de significação na maior parte do mundo, principalmente depois que deu origem ao movimento estruturalista capitaneado por Claude Lévi-Strauss, generalizando seu método para todas as Ciências Humanas. Enriquecida com as contribuições de Roman Jakobson, Louis Hjelmslev e Roland Barthes, entre outros, a Semiologia tinha, aos olhos de seus adeptos, a clara vantagem de definir um objeto preciso de estudo, bem como um método capaz de oferecer à Linguística o status de Ciência de acordo com os cânones acadêmicos e ideológicos correntes durante a maior parte do século XX.

Quando era necessário um tratamento mais lógico e científico das questões relacionadas à linguagem, havia sempre a obra de Ludwig Wittgenstein a preencher a lacuna, servindo tanto para aqueles que viam a questão a partir de um ângulo mais positivista e empiricista (como aparece na primeira fase do autor, condensada no *Tractatus Logico-Philosophicus*), quanto para aqueles que já percebiam a lógica dos signos mais próxima a das regras probabilistas e criativas de um jogo, que resume a fase ulterior de sua obra - embora quase ninguém fosse ciente (e alguns talvez ainda não o sejam), de que Wittgenstein sorveu idéias centrais de sua segunda fase filosófica de um contato com a Lógica e o Pragmatismo de Peirce, feito por duas vias indiretas: a de seu amigo, o matemático Frank Ramsey, um admirador da lógica de Peirce, e por meio do livro *The Meaning of Meaning*, da dupla de linguistas Ogden e Richards, publicado em 1923. (Nubiola, 1996)

O banimento das idéias de Peirce sobre o signo triádico não foi completo, porém. Ainda nas primeiras décadas do século XX, alguns nomes importantes da primeira geração de linguistas, como Charles Morris e o próprio Roman Jakobson, um dos maiores expoentes da vertente europeia, perceberam a riqueza da divisão triádica da semiótica peirceana, mas suas tentativas de reduzir a teoria dos signos de Peirce aos estudos linguísticos e literários em voga nunca foram bem sucedidas. Ainda assim, Jakobson, ao tomar conhecimento da Semiótica peirceana na fase de sua carreira, após 1940, soube reconhecer que a divisão triádica ícone-índice-símbolo abria um "novo, urgente e promissor" (Jakobson *apud* Auspitz, 1994: 603) horizonte de estudos para as ciências da linguagem e que Peirce havia se tornado seu "mais poderosa fonte de inspiração", embora nem todos os discípulos de Jakobson entendessem o que Peirce tinha realmente a acrescentar (Jakobson *apud* Brent, 1993: ix).

A sorte da semiótica de Peirce mudou gradativamente ao longo da segunda metade do século XX, quando a chamada "crise dos paradigmas" e a pós-modernidade se instalavam no seio do método científico e da cultura ocidental. Enquanto a semiologia diádica e o estruturalismo perdiam força diante dos desafios pós-modernos, marcados pelo surgimento de conceitos como complexidade, emergência de propriedades sistêmicas, cibernética, inteligência artificial e ciências da cognição, a semiótica de Peirce e suas idéias metafísicas passaram a receber a atenção de pesquisadores vindos de vários campos. Filósofos, artistas, biólogos, psicólogos, teóricos da informação, antropólogos, lógicos, físicos e cientistas da comunicação estão hoje entre os estudiosos que exploram suas potencialidades.

Atualmente, a semiótica triádica peirceana é a base de estudo interdisciplinar que tem ajudado a produzir, nas últimas décadas, uma nova visão de mundo, mais integrada e coerente do que qualquer outra teoria jamais foi capaz de produzir. Após a progressiva separação das ciências entre "duras" e "moles", iniciada no Renascimento e que culminou com o empiricismo e o positivismo do início do século 20, temos finalmente a possibilidade de unificar nossa compreensão do mundo de forma a preencher o abismo criado entre os "dois mundos" das ciências humanas e exatas descrito por C. P. Snow em seu famoso ensaio *The Two Cultures and the Scientific Revolution* (Snow, 1959). De uma maneira que não deixa de ser impressionante, as idéias de Peirce são capazes de acomodar, sem solução de continuidade, a maior parte dos avanços teóricos e científicos produzidos após sua morte.

Em 1965, um dos mais respeitados filósofos das ciências do pós-guerra, Karl Popper, afirmou que Peirce está destinado a ser reconhecido como um dos maiores filósofos de todos os tempos por ter avançado hipóteses e conceitos que só começaram a ser compreendidos depois da Teoria da Relatividade de Einstein e da Física Quântica de Heisenberg. Na opinião do patrono do "Peirce scholarship", Max Fisch, que por 50 anos pesquisou folha por folha dos artigos e manuscritos da herança, Peirce está destinado a figurar entre os três maiores pensadores que a humanidade produziu. Fisch o coloca na linha direta de Aristóteles e Kant, que também estruturaram suas filosofias de forma arquetônica, unindo suas ramificações a partir de uma lista finita de predicamentos. Para Peirce, todo fenômeno pode ser explicado a partir da relação entre três categorias, que ele chamou simplesmente de Primeiridade (o universo das qualidades, dos sentimento), Segundidade (o universo da reação, da força bruta e da existência) e Terceiridade (o universo da mediação, do contínuo, da inteligência e do propósito).

O químico belga Ilya Prigogine, um dos principais expoentes da Teoria do Caos e da Irreversibilidade, reconheceu que Peirce foi um pioneiro em observar o pluralismo envolvido nas leis da Física, colocando a criatividade e a sensibilidade como componentes essenciais da realidade física (Brent, 1993: 176). Lee Smolin, um moderno físico teórico que trabalha na unificação das teorias da relatividade e física quântica, reconhece que várias de suas idéias - como a de um universo evolucionário concebido como uma espécie de holografia em contínua transformação - parecem apenas parafrasear conceitos físicos e semióticos que Peirce desenvolveu há mais de um século. Segundo os físicos e cosmólogos, Peirce antecipou, hoje bastante discutida, a idéia de que a informação é uma quantidade fundamental na natureza e que a comunicação, vista como troca de informação entre sistemas que procuram permanecer no tempo, combatendo o avanço da entropia, é um fenômeno observado desde o

nível das partículas quânticas até o das galáxias (Vieira, inédito).

Toda essa laudação pode parecer exagerada. Não estaria Peirce sendo elevado a posição de figura *cult* capaz de emprestar charme aos livros e descobertas desses autores? Mas o que dizer, então, depois que um time de pesquisadores da prestigiada Texas Tech composto por semióticos, lógicos e físicos quânticos anunciaram, em abril de 2005, ter patenteado um novo tipo de switch lógico para computadores, baseado na lógica triádica de Peirce. O novo switch, batizado "tristor", utiliza toda a potencialidade das partículas quânticas para fazer operações de maneira muito mais rápida e flexível, permitindo que, no futuro, instrumentos do tamanho de uma moeta de um centavo possa ter a mesma performance dos atuais computadores. "Mostramos que a teoria dos signos de Peirce pode ser aplicada diretamente nas interações das partículas elementares", afirma o físico Ralph G. Beil, líder da equipe (Texas Tech Alumni Association News, abril de 2005).

4 O nascimento da semiótica

Há alguma base para afirmar, portanto, que a mente de Peirce conseguiu iluminar algo de fundamental na realidade. Não fará mal a um pensador interessado em perscrutar os caminhos da verdade científica e filosófica, portanto, conhecer um pouco das intenções e condições de Peirce ao longo de sua vida intelectual, com especial ênfase para sua situação na virada do século XIX para o XX, quando entrava na casa de seus 60 anos de vida, iniciava uma velhice de relativo ostracismo e aguda miséria. Sem trabalho fixo, vivia como um jornalista free-lancer, colaborando esporadicamente com revistas e editoras de livros de referência. Quando o dinheiro faltava, recebia doações de alguns admiradores, familiares, amigos e ex-alunos. Nessa época, Peirce tinha dificuldades até para manter acesa a lareira de sua casa durante o rigoroso inverno da Pensilvânia, no norte dos EUA. Em mais de uma vez, foi socorrido pelos amigos quando estava alguns dias já sem dinheiro sequer para a comida.

Para piorar sua situação, tanto Peirce quanto sua mulher estavam gravemente doentes. Ela sofria de tuberculose e tinha longos períodos de convalescença, exigindo do marido dedicação e cuidados especiais. Peirce sofria de uma neuralgia trigeminal, doença que o havia acompanhado durante toda a vida, mas que na velhice parecia ter piorado. Nas crises cada vez mais intensas e frequentes, sentia dores excruciantes que procurava aliviar com doses cada vez maiores de ópio e cocaína (Brent, 1993: 40). Ele admitia que passava por períodos em que ele próprio duvidava de sua sanidade e, em cartas, mais de uma vez comunicou aos amigos que sua vida se tornara tão miserável que pensava em suicídio. Nos últimos anos, sua agonia piorou com o aparecimento de um câncer que o levaria à morte.

Foi nessa última fase da vida que Peirce trabalhou com maior afinco e simultaneamente no que ele mesmo considerou duas de suas maiores criações: a semiótica e o sistema lógico dos Grafos Existenciais (GE), um método de representação diagramática que deveria ser uma espécie de "imagem em movimento do pensamento" decupado quadro a quadro. (CP 4.11). O fato de Peirce trabalhar nesses dois ambiciosos projetos não é um acaso: para ele, tanto os GE quanto a semiótica eram, na essência, uma mesma coisa: lógica, concebida por Peirce como uma ciência responsável por revelar, classificar e explicar os processos de inferência da mente, revelando principalmente a lógica de suas relações. Peirce acreditava que a semiótica poderia oferecer uma prova definitiva para o tipo de pragmatismo que ele defendia - e que ele na maturidade preferia chamar "pragmaticismo" para enfatizar as diferenças de sua filosofia original com o tipo de pragmatismo que vinha sendo popularizado.

Peirce via a necessidade de ancorar o pragmatismo não mais em "efeitos práticos" concretos que as crenças ocasionam, como William James afirmava com sua ênfase no particular, mas sim em efeitos práticos concebíveis *virtualmente*: o significado de um conceito deveria ser uma proposição geral sintética que se manifestaria depois que toda a experiência e pesquisa necessária para clarear o conceito em questão tivessem se realizado por uma comunidade de pesquisadores ideal, honestamente embeudadas na busca da verdade. O significado pragmático final do conceito (ou o seu interpretante final), portanto, seria o conjunto das ações produzidas como resultado da adoção desse conceito.

Em parte por desconhecer detalhes da última fase da vida e da atividade intelectual de Peirce, só recentemente publicados, a primeira geração de acadêmicos que se dedicou a Peirce não percebeu a teia de relações conectando sua semiótica, seu sistema de diagramas lógicos e suas concepções metafísicas das categorias, o pragmatismo e suas concepções metafísicas, como o já mencionado tiquismo, o sinequismo (a doutrina do contínuo que une mente e matéria), e o agapismo (do amor como força evolucionária). Desse deficiência surgiram equívocos tais como uma suposta "esquizofrenia" entre duas facetas intelectuais de Peirce: uma naturalista, denunciada por seu "espírito de laboratório", e outra transcendental, como mostra a importância que conferia a suas categorias fenomenológicas e sua tentativa de construir um sistema filosófico e metafísico arquetônico (Goudge, 1950).

5 Imenso quebra-cabeça

Hoje, a maior compreensão das relações que ele vinha estabelecendo entre sua teoria dos signos, sua fenomenologia e sua metafísica na tentativa de encontrar uma prova para o pragmatismo finalmente fazem juz às motivações originais de Peirce, que sempre foram a construção de um sistema tão abrangente e fundamental que pudesse reunir as dimensões ôntica e epistêmica da realidade. Ou, como o próprio Peirce afirmou num artigo de 1887, quando ainda exultava em saúde e vigor intelectual, uma teoria "tão abrangente que, por um longo tempo, o inteiro trabalho da razão humana, em todo e qualquer tipo de filosofia, em matemática, em psicologia, em ciência física, em história, em sociologia, em em qualquer outro campo que possa existir, apareça com um preenchimento de seus detalhes" (Peirce *apud* Brent, 1993:1). Até onde conseguiu abrir a caixa de Pandora que vislumbrou, revelando-nos seus detalhes, é um enigma que ainda aguarda um resposta final.

Peirce nunca conseguiu terminar um livro, mas publicou cerca de dez mil páginas em artigos técnicos em uma dezena de diferentes disciplinas científicas, redigiu ou editou cerca de 16 mil verbetes para dicionários e enciclopédias e produziu centenas de resenhas críticas tanto para revistas científicas quanto para jornais e revistas de circulação para ao grande público. Seu maior tesouro, porém, estavam em mais de oitenta mil folhas de papel manuscritas não publicados, que incluíam várias versões de sua Semiótica, os trabalhos com os Grafos Existenciais e dezenas de outros assuntos filosóficos, matemáticos e lógicos. É desses manuscritos que os especialistas em Peirce têm, lentamente, extraído um desenho geral - uma "figura" que lembra aquela d' **A Cifra no Tapete** descrita no famoso conto de Henry James, irmão de William James e também amigo pessoal de Peirce.

Os primeiros acadêmicos a lidar com esse palimpsesto de milhares de manuscritos originais deixados por Peirce trabalharam com recursos limitados e de forma solitária. Sem conseguir vislumbrar o desenho geral do sistema peirceano, mas cientes de estar bebendo de uma fonte preciosa de idéias, acabaram abandonando o projeto de reconstrução e compreensão da filosofia de Peirce para perseguir seus próprios objetivos intelectuais, quase sempre delineados a partir do contato com os manuscritos.

Na década de 1930, dois jovens professores de Harvard, Charles Hartshorne e Paul Weiss, receberam a incumbência de selecionar e editar os primeiros volumes dos *Collected Papers* (CP) de Peirce. Adotando uma catalogação hierárquica *ad hoc*, que deveria partir do mais geral (os textos filosóficos sobre as categorias peirceanas) para o mais específico compuseram os volumes misturando textos publicados e manuscritos sem se preocupar com a cronologia ou as possíveis conexões entre eles. Numa estratégia de edição hoje reconhecidamente errada, recortaram textos produzidos em momentos distintos e intercalaram os trechos reunindo-os por semelhança de tema ou pela presença de termos iguais, sem levar em consideração o processo espiral de construção das idéias. O resultado final foi um *patchwork* de idéias que só fez aumentar a fama de hermético que já pesava sobre Peirce quando ele vivia.

Por mais de meio século, os CP foram a principal fonte de pesquisa da minguada comunidade interessada na obra de Peirce, fazendo com que suas distorções - e mesmo alguns graves equívocos - fossem reproduzidos e ampliados. Essa é uma das razões que levaram alguns pesquisadores que penetraram nos textos dos CP, procurando o suposto fio de ariadne no labirinto dos conceitos, a declarar, depois de frustrada a tentativa, que Peirce escrevia realmente de maneira confusa, repetia as mesmas idéias constantemente e, pior, fazia isso inventando novos termos ou usando os mesmos para definir coisas diferentes, embora próximas o suficiente para produzir enorme confusão. Frequentemente Peirce anuncia em seus textos uma descoberta, mas é muito difícil capturar o significado e extensão de seu anúncio em meio aos excertos publicados nos CP.

Peirce tinha um método de composição obsessivo. Após meditar longamente sobre um tema, escrevia várias versões tentando encontrar o vocabulário mais preciso e a construção sintática mais adequada para eliminar traços de dubiedade de interpretação (ainda que isso resultasse em frases estranhas se comparadas ao uso cotidiano da língua inglesa da época). Em cada uma das versões, dedicava diferentes espaços aos subtópicos abordados, tentando encontrar uma estrutura que espelhasse da melhor maneira possível a relação entre os tópicos internos e o tema geral do texto. Raramente ficava satisfeito com o resultado. Depois de abandonar o texto por algum tempo, lia-o e o corrigia meticulosamente, reescrevendo à exaustão as passagens que não lhe pareciam suficientemente precisas (Pierce, inédito: MS 311). **4**

O mesmo método ele aplicava na construção arquitetônica de suas teorias. Peirce jamais se dava completamente por satisfeito (ou, ao menos, não por muito tempo) com qualquer das versões de suas doutrinas e teorias que conseguia expressar na língua comum - no caso, inglesa. Ele revisitava e autocriticava continuamente seus textos para conseguir formulações mais precisas em vocabulário e estilo. Não existe uma versão final do pragmatismo, assim como não há uma versão final de sua Semiótica, de sua Metafísica ou de seus Grafos Existenciais. O que existe é o testemunho de sua continuada busca. Como Peirce mesmo se definia, havia sempre um homem de artigos e não de livros. Com essa frase, enfatizava que a evolução contínua de seu pensamento o impedia de produzir uma obra completa e acabada, embora o desejo de que isso se realizasse algum dia alimentasse toda sua produção.

Um dos efeitos dessa busca por versões cada vez melhores de suas teorias foi fazer com que aparecessem formuladas de maneiras bastante diversas, de acordo com a fase de sua vida ou do prisma filosófico adotado. A terminologia dos artigos e manuscritos varia bastante ou, então, termos utilizados num momento reaparecem redefinidos de maneira diversa para acomodar alguma nova idéia. Por vezes, a teoria é apresentada numa roupagem lógica, outras em vestes fenomenológica ou matemática. A leitura de dois textos de Peirce sobre Semiótica, escritos em momentos diferentes dos mais de 40 anos que dedicou aos estudos dos signos como elementos fundamentais do pensamento, pode revelar ao leitor mais atento uma profusão de novas idéias que separando o primeiro do último.

4 O método de produção descrito por Peirce nesse manuscrito lembra da poética que Edgar Allan Poe apresentou em seu famoso *The Philosophy of Composition*. Talvez isso não seja uma coincidência, já que Peirce e Poe, além de contemporâneos e praticamente traços semelhantes de personalidade. Peirce foi um apreciador declarado da obra de Poe e ambos tiveram interesse pela semiótica e pelos efeitos práticos da ação do signo.

Ainda assim, os Collected Papers deram início ao "Peirce scholarship", com um número cada vez maior de interessados em ler diretamente suas idéias. Um efeito colateral disso foi o início de um diálogo frutífero entre as tradições européia e peirceana da Semiótica a partir dos intercâmbios entre filósofos e semióticos norte-americanos e o italiano Umberto Eco. Nascido e criado no melhor ambiente da intelectualidade do Velho Continente, Eco reverenciou Peirce em sua série de livros e tratados sobre Semiótica aparecidos a partir da década de 60, produzindo uma original - ainda que incompleta - síntese entre os conceitos mais importantes criados na Semiótica em ambos os lados do Oceano Atlântico. Como os Mattelart, porém, Eco critica a idéia de estender a Semiótica para além do campo delimitado pela cultura humana. Eco defendeu inclusive a idéia de se estabelecer uma "soleira" semiótica separando o que é signo vivo do que seriam apenas sinais do mundo inanimado.

Para Peirce, porém, os signos compõem o universo em todas as suas dimensões. A existência de vida na Terra e de cultura humana são antes o resultado da ação dos signos do que o contrário. Foram necessárias várias rodadas de discussões, alavancadas principalmente sob os auspícios de Thomas Sebeok, na Universidade de Indiana, nos Estados Unidos, para que uma nova geração de semioticistas comesçassem a entender a profundidade dessas idéias. Aos poucos, a Semiótica Peirceana foi se ampliando, abrindo subdisciplinas como a zoosemiose, a fitosemiose e, finalmente, a fisiosemiose. Ou seja, foi preciso esperar quase um século para que a idéia original de um "universo banhado, se não inteiramente feito de signos" (Peirce, 1931-58: 5.449n) fosse levada a sério.

Em meados da década de 1970, o nome de Peirce começou a ser citado com frequência cada vez maior em artigos e livros sobre o assunto, embora os autores dessas obras frequentemente tivessem um contato de segunda-mão com as idéias peirceanas. Alguns, como Murray Murphey, procuravam avaliar a validade da contribuição da obra geral de Peirce a partir de sua tentativa de erigir um novo sistema filosófico, muitas vezes concluindo pelo fracasso da construção arquitetônica anunciada por Peirce.

Ao mesmo tempo, uma equipe de dedicados estudantes fazia um mergulho nos manuscritos e obras publicadas procurando não mais a reconstrução do grandioso edifício filosófico que Peirce sonhara, mas restringindo sua pesquisa aos temas centrais do pensamento de Peirce - a Metafísica baseada nas três categorias, a Semiótica com Lógica, o Pragmatismo e o Método Científico. Como resultado, uma crescente bibliografia considerando cada um desses temas passou a frequentar as livrarias e bibliotecas assinadas por Thomas Sebeok, John Deely, Carl Hausman, Christopher Hookway, Kenneth Ketner, Nathan Houser e, no Brasil, por Lúcia Santaella e Ivo Ibrí.

A partir da década de 1970, essa pequena mas crescente comunidade de interessados na obra de Peirce lutou para que a obra de Peirce fosse novamente editada, agora levando em consideração os aspectos cronológicos e as referências cruzadas de seu sistema. Assim nasceu, em 1976, o Projeto de Edição de Peirce (Peirce Edition Project), hoje sediado na Escola de Artes Liberais da Universidade de Indiana, em Indianápolis, nos Estados Unidos.

O PEP projeta a publicação de cerca de trinta volumes com a obra completa de Peirce, eventualmente em parceria com outros centros de edição espalhados pelo mundo. A coleção está sendo organizada cronologicamente e com textos revisados e comentados por uma equipe internacional de especialistas. No entanto, até hoje foram publicados apenas seis volumes, que cobrem principalmente as fases iniciais e intermediária da produção filosófica de Peirce. Os textos de fundação da Semiótica e suas relações com as idéias da fase madura do pensamento de Peirce não possuem previsão de publicação - uma perspectiva frustrante para quem gostaria de estudar a evolução detalhada da Semiótica de Peirce. Para cobrir essa lacuna, o PEP editou seleções dos textos da fase final da vida de Peirce, que hoje são consideradas fontes imprescindíveis para quem pretende capturar a essência do pensamento do autor.

O último obstáculo para uma compreensão mais orgânica de Peirce era a ausência de uma biografia bem documentada. Max Fisch, que recebeu a incumbência de levar a cabo a empreitada, conseguiu levantar uma quantidade imensa de material, mas acabou sucumbindo diante da dificuldade de relacionar cronologicamente a produção intelectual e os fatos da vida de Peirce. Coube ao historiador Joseph Brent levar a cabo o projeto, apesar de ter sofrido o boicote inicial da Universidade de Harvard, que por trinta anos lhe proibiu o acesso ao material pessoal de Peirce, como as cartas íntimas e reveladoras de sua verdadeira personalidade, principalmente nos seus anos de vida em sociedade: um homem às vezes pedante e dado a excentricidades, às vezes violento, amante excessivo da bebida e das mulheres, que pretendia fazer fortuna com suas idéias e invenções.

6 Expectativas frustradas

Vindo de uma tradicional família de cientistas e matemáticos da região de Massachusetts (seu pai era professor da Universidade de Harvard e o mais respeitado matemático de seu tempo nos Estados Unidos), Peirce desde jovem demonstrou ser dotado de um talento especial para a lógica, a matemática e o método científico, bem como um enorme apetite para conhecer os fundamentos históricos e conceituais das ciências. Isso levou a estudar praticamente todos os grandes filósofos, com especial interesse naqueles com aptidão para a Lógica e a Metafísica, como Aristóteles, Dans Scotus, Kant, Hegel e Leibnitz.

Peirce trabalhou por trinta anos com pesquisa empírica para um instituto especializado em metrologia, a Coast Survey, realizando principalmente medições sobre a gravidade e sobre o movimento dos pêndulos. O emprego o levou a viajar bastante tanto na coleta de dados quanto na apresentação dos resultados em conferências na Europa, Canadá e Estados Unidos. Desenhou instrumentos de medida mais precisos do que os existentes na sua época. Não só foi o primeiro cientista a propor que o comprimento da onda de luz deveria se adotado como a medida padrão para as medições de comprimento como efetivamente aplicou essa idéia em sua pesquisa com pêndulos. Embora tivesse angariado respeito como cientista experimental, a carreira na Coast Survey era vista por ele apenas como um ganha-pão capaz de patrocinar seus verdadeiros interesses filosóficos e matemáticos, cujas pesquisas mantinha paralelamente.

Suas primeiras contribuições filosófica importantes apareceram ao longo da década de 1860, em artigos que criticam o cartesianismo e o determinismo dominantes na época e propõem uma nova lógica para o método científico, capaz de incorporar o acaso e a formação de hipóteses. No final da década de 1870, publicou seu primeiro artigo sobre o que chamou Pragmatismo - um método para clarear as idéias, produzir inferências sustentadas pela realidade e basear as ações no resultado dessas inferências. A influência de suas idéias sobre os filósofos de Cambridge, principalmente entre William James e Josiah Royce, bem como sobre John Dewey, em Chicago, produziram a primeira onda do movimento pragmatista que nas décadas seguintes se firmaria como a maior e mais original contribuição dos Estados Unidos para a filosofia Ocidental.

Por ainda quase dez anos, Peirce brilhou em suas conferências sobre lógica para a Universidade John Hopkins e em artigos que teriam um impacto determinante na história da Lógica - foi ele o primeiro a criar uma notação lógica que, mais tarde, seria adaptada por Giuseppe Peano e se tornaria padrão com o clássico Principia Mathematica, de Russell e Whitehead. Peirce também obteve fama e respeito mundial nos ramos da Matemática e da Física. Em Matemática, frisou a importância da topologia como instrumento matemático para revelar e estudar as relações, e pesquisou profundamente a noção de contínuo e de

infinitesimal. Foi nessa época, também, que ele desenvolveu sua concepção triádica da fenomenologia, mostrando que as categorias universais podiam ser reduzidas a apenas três.

A partir de meados da década de 1880, após a morte de seu pai e de seu divórcio de sua primeira esposa, as carreiras científica e acadêmica de Peirce entraram em rápido declínio. Parece que sem o aconselhamento de seu pai os traços mais nefastos da personalidade de Peirce parecem dominado. Seu contrato na John Hopkins não é renovado e ele passa a sofrer pressões por parte de seus superiores na Coast Survey que se arrastam por vários anos até sua efetiva demissão. Em parte, isso se deveu à maneira com que Peirce divulgava suas idéias, sem poupar críticas contundentes sequer a seus colegas mais próximos ou mesmo superiores. Mas também pelo preconceito da sociedade "bem nascida" de Massachussets contra um homem que ousava viver com uma mulher sem ter-se, antes, divorciado legalmente de sua primeira esposa.

Deprimido pelas sucessivas decepções profissionais e pessoais, Peirce decidiu se retirar da convivência social e mudar-se para pequena cidade de Milford, na Pensilvânia. Ali, com uma herança recebida pelo falecimento de sua mãe, comprou um chácara e reformou a sede, batizando-a de Arisbe em homenagem a uma colônia grega onde surgiram alguns dos primeiros filósofos da Antiguidade. Depois de alguns anos tentando encontrar maneiras de enriquecer rapidamente a partir de suas invenções (provavelmente uma tentativa de conseguir a tranquilidade financeira necessária para que pudesse lhe permitir uma vida de filósofo independente), Peirce parece ter se rendido ao fato de que a idade e a saúde já não lhe permitiam mais correr os riscos de antes.

Permitindo que sua segunda esposa Juliette (uma francesa cuja verdadeira origem e biografia permanecem rodeados de mistérios) passasse a controlar as finanças da casa, Peirce mergulhou ainda mais profundamente em suas pesquisas em semiótica, lógica e os fundamentos do pragmatismo. As condições para essa empreitada, porém, se tornavam cada vez mais precárias: a saúde dele e de sua mulher apresentavam problemas cada vez mais graves e frequentes, a falta de dinheiro o obrigava a desviar de seus grandiosos objetivos intelectuais para se dedicar à redação de verbetes para enciclopédias ou para preparar projetos de artigos ou livros, apresentados às editoras e entidades de apoio à pesquisa, que lhe garantissem algum sustento.

7 A síntese final

Apesar de todos os desvios que a vilha lhe impôs, Peirce jamais esqueceu seu presunçoso plano de construir um sistema arquetônico capaz de unir as múltiplas dimensões da realidade. Suas inúmeras contribuições em diversas disciplinas científicas podem e devem ser encaradas como pedaços de um grande quebra-cabeça - o de uma Teoria Unificada em que o signo e a semiose, visto como processo ou ação do próprio signo, são considerados os mananciais ontológico e fenomenológico.

Talvez sequer ele tenha conseguido visualizar todas as implicações de sua teoria, mas hoje temos a certeza de que ele avançou o suficiente para que todas as suas teorias possam ser encaradas como desdobramentos do que dizia ser um "método" de pensamento que ele esbarrou ainda em sua juventude: a de pensar o universo como relações recursivas entre as três categorias (Brent, 1993: 326).

A partir de 1903, mesmo diante da velhice e os problemas de saúde o consumiam, Peirce não arrefeceu suas intenções. Ao contrário, lançou-se num grande esforço de amarrar suas diversas doutrinas e teorias num corpo coerente, na esperança de que pudessem ser publicados em livro. Não tem interlocutores diretos, com exceção da correspondência que mantém com alguns de seus

velhos amigos, como William James, e uma nova companheira de pesquisas e intercâmbio de idéias, Victoria Lady Welby - uma senhora inglesa que, de forma autodidata, havia estudado e escrito sobre semiótica e o problema da significação, e cujos trabalhos Peirce havia resenhado para uma das revista com as quais colaborava. Sem jamais conhecer pessoalmente Lady Welby, Peirce teve com ela uma correspondência intensa que se estendeu por oito anos e que constituem a principal fonte de pesquisa sobre o tipo de semiótica que Peirce.

A urgência de produzir uma síntese entre as teorias com as quais lidou durante toda sua vida intelectual o levam ao um tipo de realismo peculiar - as vezes chamado de idealismo objetivo. Na definição tardia que Peirce oferece do processo de semiose, o signo é a base ontológica de uma realidade em que o virtual (o universo dos "would-be", cuja ação pretende realizar um propósito cuja existência está num futuro ainda incerto) e os aspectos icônicos do signo ganham peso cada vez maior na sua constituição. Nos textos metafísicos desse período, o Universo se apresenta como uma espécie de holografia em permanente transformação. Vejamos, por exemplo, uma das definições que Peirce nos oferece em sua teoria semiótica madura:

"Consider then the aggregate formed by a sign and all the signs which its occurrence carries with it. This aggregate will itself be a sign; and we may call it a **perfect sign**, in the sense that it involves the present existence of no other sign except such as are ingredients of itself. Now no perfect sign is in a statical condition; you might as well suppose a portion of matter to remain at rest during a thousandth of a second, or any other long interval of time. The only signs which are tolerably fixed are non-existent abstractions. We cannot deny that such a sign is real; only its mode or reality is not that active kind which we call existence. The existents acts, and whatsoever acts changes...

Every real ingredient of the perfect sign is aging, its energy of action upon the interpretant is running low, its sharp edges are wearing down, its outlines becoming more indefinite.

On the other hand, the perfect sign is perpetually being acted upon by its object, from which it is perpetually receiving the accretions of new signs, which bring it fresh energy, and also kindle energy that it already had, but which had lain dormant.

In addition, the perfect sign never ceases to undergo changes of the kind we rather drolly call spontaneous, that is, they happen sua sponte but not by its will. They are phenomena of growth.

Such perfect sign is a quasi-mind. [...]

The quasi-mind is an object which from whatever standpoint it be examined, must evidently have, like anything else, its special qualities of susceptibility to determination. Moreover, the determinations come as events each one once for all and never again. Furthermore, it must have its rules or laws, the more special ones variable, others invariable." (Peirce, 1988: 545).

Esse trecho de manuscrito nos ajuda a compreender porque a semiótica de Peirce foi acusada de "terrivelmente abstrata" e incompreensível século XX. Nos seus anos finais, Peirce preocupava-se em revisar sua teoria do signo de forma a incorporar elementos de espontaneidade e propósito inteligente extraídos de seus estudos em topologia, lógica gráfica, fenomenologia e metafísica. Muitos dos conceitos que Peirce tentava amalgamar se tornaram ininteligíveis aos cientistas nas décadas posteriores devido a adoção do positivismo no campo da lógica, da teoria da relatividade no campo da física, em que o espaço-tempo forma um bloco que impede a existência da irreversibilidade ligada à flecha do tempo (Prigogine, 1996). O texto acima nos permite inferir, por exemplo, que Peirce via na ação dos signos algumas propriedades que só passaram a ser observadas depois que a física quântica e a Teoria do Caos exigiram uma revisão conceitual sobre os fundamentos da física. No jargão científico moderno, elas pode ser assim colocadas:

- * A semiose cria ao mesmo tempo em que se realiza em sistemas dinâmicos, abertos e sujeitos a flutuações.
- * A entropia desgasta continuamente o signo.
- * O acaso, porém, oferece mudanças espontâneas que injetam nova vida no signo, permitindo seu crescimento.
- * A semiose é um processo irreversível e direcionado teleologicamente para o futuro.
- * A semiose é regida por leis evolutivas e com graus variados de liberdade, que permitem o surgimento do autocontrole sem, no entanto, eliminar a criatividade.

As cinco propriedades da quasi-mente, unidas ao conceito de indeterminação e falibilismo, devem ser considerados postulados fundamentais que qualquer teoria moderna da informação, da comunicação e da cognição que pretenda ter validade científica. Elas não são fruto de vidência intelectual ou alguma outra capacidade inexplicável de Peirce, mas o resultado de seu desejo de fazer com que as várias pontas de sua filosofia estivessem sempre em contato, ainda que para isso ele tivesse que aventar hipóteses consideradas fantasiosas em sua época.

Peirce conhecia bem os trabalhos de Poicarè e Boltzmann, ambos seus contemporâneos, bem como a polêmica travada por esses dois pensadores em torno de aspectos importantes do comportamento dos sistemas dinâmicos (Pierce, 1988: 187). Não deveria causar surpresa, portanto, que cientistas como Lee Smolin e Ilya Prigogine esbarrem em Peirce ao revisitar as teorias de Poicarè e Boltzmann em busca de uma cosmologia que nos permita ultrapassar as limitações da Teoria Geral da Relatividade. Também não devemos nos surpreender quando vemos modernos teóricos da comunicação e das ciências cognitivas vejam a necessidade de incorporar a semiótica para construir uma teoria consistente da percepção, da representação e da transferência de qualquer forma de informação e conhecimento (Brier, 2002).

Esta necessidade já era intuída por Peirce em 1914. Enquanto a morte se avizinhava rapidamente, esse homem velho e doente, que jamais tivera filhos ou conseguira terminar um só livro de filosofia ou semiótica em que pudesse recomendar suas idéias às gerações futuras, continuava escrever de forma intensa e convulsivamente, com se estivesse cumprindo algum tipo de missão. As milhares de páginas de manuscritos repletas de idéias lançadas por ele sem qualquer esperança de que fosse sequer lidas algum dia lembram a maneira as estrelas enviam luz durante seu colapso final.

Quanto a mente de Peirce iluminou somente agora começa a ser revelado.

8

Referências Bibliográficas

ARISBE: The Peirce Gateway (<http://members.door.net/arisbe/arisbe.htm>)

AUSPITZ, Josiah Lee. (1994) *The Wasp Leaves the Bottle: Charles Sanders Peirce, in The American Scholar*, vol.63, No. 4, pp. 602-618.

AUSPITZ, Josiah Lee. (1994) *The Wasp Leaves the Bottle: Charles Sanders Peirce, in The American Scholar*. (<http://members.door.net/arisbe/menu/library/aboutcsp/auspitz/escape.htm>)

BRENT, Joseph. (1993) *Charles Sanders Peirce: A Life*. Indiana University Press.

- BRIER, Soren. (2003) *The Cybersemiotic model of communication: An evolutionary view on the threshold between semiosis and informational exchange*. Internet: <http://www.flec.kvl.dk/personalprofile.asp?id=sbr&p=engelsk>
- FITZGERALD, John J. (1966) *Peirce's Theory of Signs as Foundation for Pragmatism*, Haia Mouton & Co.
- FREADMAN, Anne (2004). *The Machinery of Talk*. Stanford: Stanford University Press
- GOUDGE, Thomas Anderson (1950). *The Thought of C.S. Peirce*. Toronto University Press.
- HAUSMAN, Carl R. (1993) *Charles S. Peirce's Evolutionary Philosophy*. Cambridge University Press, 1993.
- HOUSER, Nathan. (1998) *Introduction in The Essential Peirce: Selected Philosophical Writings* Vol. 1 e 2. Peirce Edition Project, Bloomington e Indianapolis.
- MATTELART, Armand e Michéle (1999). *História das Teorias da Comunicação*. Edições Loyola, São Paulo.
- MURPHEY, Murrey (1993). *The Development of Peirce's Philosophy*. Indianapolis, Hackett.
- NUBIOLA, Jaime. (1996) *Scholarship on the Relations Between Ludwig Wittgenstein and Charles S. Peirce*, in I. Angelelli y M. Cerezo, eds., *Proceedings of the III Symposium on History of Logic*, Gruyter, Berlin. Internet: <http://members.door.net/arisbe/menu/library/aboutcsp/nubiola/scholar.htm>
- PEIRCE, Charles Sanders. (1931-1958). *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*, 8 vols., Harvard University Press, Cambridge.
- _____. (1998) *The Essential Peirce: Selected Philosophical Writings* Vol. 1 e 2. Peirce Edition Project, Bloomington e Indianapolis.
- POE, Edgar Allan (1946). "The Philosophy of Composition". *Graham's Magazine*, Abril, pp. 163-167.
- PRIGOGINE, Ilya (1996). *O Fim das Certezas*. São Paulo: Ed. Unesp.
- SMOLIN, Lee (1997). *The Life of the Cosmos*, Oxford University Press, 1997.
- VIEIRA, Jorge A. Vieira (inédito). *Semiótica, Sistemas e Sinais*. Tese de doutorado (1994). PUC/SP.